



paz no plural

## XII SALÃO DE ENSINO

12 a 16 de setembro  
Campus do Vale - UFRGS



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: XII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Entre poética e mitologia: "TCCendo" mitos e intertextos
<b>Autor</b>	LIS YANA DE LIMA MARTINEZ
<b>Orientador</b>	LUCIA SA REBELLO

**RESUMO:** O temido Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se apresenta ao aluno como um desafio, como o momento em que ele deve provar à instituição e a si mesmo que leu e compreendeu tudo que leu ao longo de sua graduação. E mais, que foi modificado pela leitura e é capaz de pensá-la, reproduzi-la e propô-la, ou, ainda, criticá-la. Mas o quanto é possível absorver? Ocorre durante o processo acadêmico, quando nós da Letras nos deparamos com obras da literatura tão conhecidas que acreditamos já saber o que lemos, a leviana dispensa do processo de aprendizado que determinadas leituras poderiam nos proporcionar. E essa leviana dispensa lembra-me do momento em que me deparei com Arthur Schopenhauer e dele discordei. Naquele livrinho antigo e amarelado pelo tempo intitulado *Über Lesen Und Bücher (Sobre Livros e Leitura)*, Schopenhauer propõe que “livros são escritos sobre este ou aquele grande espírito da Antiguidade e o público os lê, mas não lê as próprias obras; (...) Eu, porém, agradeço o destino que me apresentou, ainda na juventude, o belo epigrama de A. W. Schlegel (...): Leia os antigos com cuidado, os antigos de verdade: o que os novos dizem deles quase nada significa” (Schopenhauer, 1851, p. 37). Se o epigrama de Schlegel fosse levado ao pé da letra, o próprio ato de escrever um TCC (o novo) constituiria em um processo com fins a “nada significar”. Ao mesmo tempo, concordo que muito se diz conhecer os “antigos”, mas pouco se lê os antigos em sua fonte original.

Tomada por esse sentimento de inquietação e abrigada nos braços da Literatura Comparada, voltei meus olhos às disciplinas de Literatura Latina em busca de respostas sobre o diálogo do “antigo”, do “novo” e do “novo que eu viria a propor” a partir da minha leitura. Meus olhos encontraram os olhos de Hércules fitando-me por vários lugares entre palavras que eu andasse. Foi assim que decidi: propus-me a relatar as aparições de Hércules, bem como analisá-las, contrastá-las. Logo se apresentaram a mim Ovídio, com sua *As Metamorfoses*; Plauto, com seu *Anfitrião e Aululária*; e Monteiro Lobato, mais tímido e mais jovem dos três, com *O Sítio do Picapau Amarelo*. A escolha das obras não é aleatória, decidi por aquelas que fossem de diferentes gêneros literários e de diferentes épocas da história humana a fim de percorrer uma maior variável do mito de Hércules.

Dividi minha busca em quatro capítulos que abordaram as questões que cingem o universo do mito de Hércules. A cada capítulo busquei transportar o leitor pelo diálogo existente entre mito e literatura e entre as obras analisadas. No primeiro, dei enfoque à definição de intertextualidade para que o leitor compreendesse os efeitos de convergência entre as obras e a coletividade da cultura que as sustenta. No segundo, procurei mostrar o Hércules trazido por Ovídio a fim de evidenciar a representação ovidiana do mito analisado. No terceiro, procurei mostrar o mito de Hércules trazido por Plauto em suas peças teatrais *O Anfitrião e Aululária*, apontando o mito como parte integrante de uma religião que repousa na recíproca fidedignidade e no diálogo entre os romanos e seus deuses. No quarto, procurei demonstrar os traços peculiares com os quais o escritor brasileiro projeta o mito de Hércules em um dos livros da série *O Sítio do Picapau Amarelo*, a fim de evidenciar a distinta representação que Lobato traz do mito. Em minha conclusão, trouxe um quadro comparativo que buscava explicitar que a literatura se perpetua ao movimentar sua memória em constantes retomadas e reescrituras, produzindo, com isso, o intertexto. O mito é uma grande comprovação de que a originalidade não está compreendida na imagem do “novo” e nem o “novo” tem posição hierárquica superior ou inferior ao “antigo”.

Hoje, na época da escritura do meu TCC eu já o fazia, agradeço ao velho livrinho amarelado de Arthur Schopenhauer por ter me feito inquieta. Leia os antigos com cuidado, os antigos de verdade: o que os novos dizem deles diz muito mais a respeito de como os novos leram os antigos do que a essência que os antigos carregam em si.